

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-23-25>

Recebido em: 12/11/2022 | Aprovado em: 19/10/2023

Ensaio

Editor de Seção: Fábio José Rauen

O DESAFIO DA PLURISSEMIOTICIDADE PARA A LINGÜÍSTICA TEXTUAL

The Challenge of Plurisemioticity | El desafío de la plurisemiótica
for Textual Linguistics | para la Lingüística Textual

Clemilton Lopes Pinheiro*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,

Departamento de Letras, Natal, RN, Brasil

Héberton Mendes Cassiano**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, Brasil

Resumo: Neste ensaio, toma-se como questão o aparato teórico e a instrumentalização analítica mobilizados pela Linguística Textual para tratar do texto que conjuga elementos verbais e não verbais (texto plurissemiótico). Considera-se que as pesquisas do campo podem recorrer tanto ao aparato próprio, projetado para o texto verbal, ou a outros aparatos, como a Gramática do Design Visual, projetado para os textos não verbais. O objetivo é, portanto, verificar a decisão teórica de pesquisadores quanto à análise de textos plurissemióticos e o alcance desta decisão. Realiza-se a metanálise de cinco microanálises extraídas de trabalhos da Linguística Textual sobre referência no texto plurissemiótico. A análise conduziu a pensar que o texto plurissemiótico, embora guarde traços formais e funcionais em comum com um texto exclusivamente verbal e um texto exclusivamente imagético, tem uma ordem própria de funcionamento. Para dar conta desse funcionamento, defende-se o desenvolvimento de um aparato próprio.

Palavras-chave: Linguística textual. Referência. Texto plurissemiótico.

Abstract: In this work, we focus on theoretical approach and analytical instrumentalization mobilized by Textual Linguistics to analyze the text that conjugates verbal and non-verbal elements (plurisemiotic text). We consider that research in the field can use either its own approach, designed for verbal text, or to other one, such as the Grammar of Visual Design, designed for non-verbal texts. Our goal is, therefore, to check the theoretical decision of researchers regarding the analysis of plurisemiotic texts and the scope of this decision. We carried out a meta-analysis of five micro-analyses extracted from Textual Linguistics papers on referencing in the plurisemiotic text. This analysis led us to think that the plurisemiotic text has its own order, although it keeps formal and functional traits in common with an exclusively verbal text and an exclusively imagetic text. At laste we argue the development of a specific theoretical and methodological approach to plurisemiotic text.

Keywords: Plurisemiotic text. Referencing. Textual linguistics.

* Professor de Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4285-9932>. E-mail: clemilton.pinheiro@ufrn.br.

** Professor de Língua Portuguesa na Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Mestre em Letras, Doutorando em Estudos da Linguagem. ORCID: <https://0000-0002-3911-713x>. E-mail: hebertonmc@gmail.com.

Resumen: En este ensayo, se aborda la cuestión del marco teórico y la instrumentación analítica utilizada por la Lingüística Textual para abordar el texto que combina elementos verbales y no verbales (texto plurisemiótico). Se considera que las investigaciones en este campo pueden recurrir tanto al marco teórico diseñado para el texto verbal como a otros marcos, como la Gramática del Diseño Visual, diseñada para los textos no verbales. Por lo tanto, el objetivo es verificar la decisión teórica de los investigadores en cuanto al análisis de textos plurisemióticos y la amplitud de esta decisión. Se realiza una metanálisis de cinco microanálisis extraídos de trabajos de Lingüística Textual sobre la referencia en el texto plurisemiótico. El análisis lleva a la conclusión de que el texto plurisemiótico, aunque comparte rasgos formales y funcionales comunes con un texto exclusivamente verbal y un texto exclusivamente imagético, tiene un orden de funcionamiento propio. Para abordar este funcionamiento, se aboga por el desarrollo de un marco teórico propio.

Palabras clave: Lingüística textual. Referenciación. Texto plurisemiótico.

1 INTRODUÇÃO

A Linguística Textual (doravante LT), ao tomar como base relações e predicados e dados observacionais distintos, tem constituído de formas diferentes o texto como objeto teórico ao longo de seu curto percurso de formação. Nesta trajetória, a LT passou a considerar como objeto não somente o texto verbal, mas também o texto plurisemiótico, comumente designado de multimodal, o que constitui um desafio para a área.

Neste ensaio, focalizamos a discussão sobre o aparato teórico e a instrumentalização analítica para tratar deste objeto que conjuga elementos verbais e não verbais. Ao trazer para o campo de interesse da LT um objeto composto por outras semioses, interessa-nos saber se as pesquisas utilizam o próprio aparato teórico da LT, desenhado com base no texto verbal e/ou buscam conjugar outro aparato como a Gramática do Design Visual (doravante GDV), que é desenhada para o texto não verbal.

Nosso objetivo é, portanto, verificar a decisão teórica de pesquisadores quanto à análise do texto plurisemiótico: usar as categorias baseadas no verbal, de forma adaptada ou não, ou as categorias baseadas no texto imagético, e discutir o alcance destas decisões. O método que utilizaremos é o de metanálise de microanálises extraídas de trabalhos da área da LT que têm como objeto o texto plurisemiótico. Reunimos uma amostra de cinco microanálises que exploram um mesmo tema, a referenciação, em textos que conjugam mais de uma semiose e identificamos o caminho analítico tomado pelo(a)s autore(a)s e as categorias utilizadas, tendo em vista a natureza do texto plurisemiótico.

Iniciamos o trabalho com a recuperação de algumas concepções de texto até alcançarmos o texto plurisemiótico como objeto de estudo da LT com o propósito de aportar a problemática. Em seguida, tendo como pano de fundo a problemática que envolve o alçamento do texto plurisemiótico na LT, trazemos o resultado da metanálise, cujo foco é a reflexão sobre as decisões teóricas que os estudos do texto operam em seu trabalho analítico.

2 O TEXTO PLURISSEMIÓTICO NA LT

A LT, no âmbito das Ciências da Linguagem, é o campo de estudos que elegeu o texto como objeto de investigação. Contudo, a delimitação deste objeto não é única nem consensual. Koch (2004), por exemplo, traz esta discussão e enumera algumas concepções de texto e alguns ângulos sob os quais ele é tratado.

Um dos recortes é o que concebe o texto como frase complexa. O texto, neste caso, é a unidade mais alta do sistema linguístico que, por meio de uma segmentação, pode se dividir em partes menores classificáveis. Segundo Koch (2004), as gramáticas do texto ocupam lugar nesta perspectiva. O estabelecimento de regras para a composição de uma gramática do texto revela o destaque dado ao texto como fenômeno de natureza essencialmente verbal, com foco na análise de aspectos formais. Os fenômenos investigados são relacionados ao sistema gramatical: “entre os fenômenos a serem explicados contavam-se a correferência, a pronominalização [...] a ordem das palavras, a relação tema/tópico – rema/comentário” (Koch, 2004, p. 3).

Com base em aspectos relativos ao uso linguístico, configura-se a concepção de texto “como ato de fala complexo”. Sobre este objeto, Bentes (2007, p. 251) esclarece que “o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos”. Esta concepção de texto ganha espaço na década de 1970 com a proposta de criação de um modelo que entende a língua no seio da comunicação social, que, segundo Koch (2004), relaciona-se com outras atividades humanas, ou seja, uma relação da atividade verbal com elementos da comunicação não linguísticos. Neste contexto, entram na abordagem do texto “elementos constitutivos de uma atividade complexa como instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais do falante” (Koch, 2004, p. 14). Em outras palavras, passa-se a perceber um objeto em uso e a se levar em conta as intenções de quem o produz e recebe.

Quando se assume que toda ação é obrigatoriamente regida por processos cognitivos, supõe-se também que os atores envolvidos na construção textual devem dispor de modelos mentais no planejamento e na execução de suas operações. Incorpora-se o componente cognitivo no texto, que passa agora a ser concebido como um processo cognitivo. Com base nesta concepção, Koch (2004) afirma que os atores já carregam consigo saberes e experiências da vida social interligados que são ativados no processo de construção textual. Neste sentido, a autora (2004, p. 31) pontua que “[...] na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz *com* os outros, conjuntamente”.

Pautada, portanto, no paradigma sociocognitivista, configura-se uma concepção de texto como um evento ou como “atividade interativa” cujos sentidos são construídos colaborativamente pelos sujeitos em interação. Posto isso, assumir esta perspectiva de texto é compreendê-lo, de fato, como objeto dinâmico, multifacetado e complexo, por isso designado como um evento. Sobre este entendimento, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 61) afirmam que “o caráter dinâmico” é determinante para o “direcionamento das investigações dos fenômenos” e que “os gêneros textuais e as estratégias textual-

discursivas” são investigados com base na interação como “instância de concretização das relações sociocognitivas e, por isso, deve ser a unidade analítica por excelência” e “os usos linguísticos são a chave para se desvendar os fenômenos”.

Este objeto complexo, resultante de atividades linguísticas, cognitivas e discursivas se opõe, é claro, ao objeto concebido com base em aspectos formais, mas continua na base da linguagem verbal. Há autores, no entanto, que propõem considerar que este objeto texto é também composto por outras semioses (linguagem não verbal). Sobre esta questão, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 65) defendem que

o pesquisador deve assumir toda a complexidade do objeto texto e propor análises que deem conta dessa multiplicidade, considerando-se que, ainda que se configurem como não verbais, as diferentes manifestações semióticas ou os diferentes processos envolvidos em situações de interação sem o verbal passam por um tratamento linguístico quando da interpretação; essa seria a decisão mais coerente com o panorama atualmente delineado nos estudos sobre o texto.

Para a autora e o autor, concebido como um evento ou “atividade interativa”, o texto não comporta apenas elementos verbais, mas também outros recursos semióticos. Trata-se, aliás, de uma questão desafiante para a LT. Segundo Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), além de ser um tema tangencial dentro da LT, quando considerados como constitutivos do texto, os signos não verbais (notadamente os visuais) são considerados analiticamente de forma superficial. A autora e os autores fazem a seguinte sugestão:

[...] Um necessário alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar nele elementos não verbais (imagem, cor, etc); o emprego de dispositivos analíticos oriundos do campo dos estudos do texto, que permita trabalhar com tais signos (2010, p. 398).

Trata-se de uma demanda também pertinente para Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64), que propõem um ajuste na descrição do processo de produção de linguagem para abarcar outras semioses.

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

Esta proposta de Cavalcante e Custódio Filho (2010) procura dar conta de outras semioses presentes na superfície textual e aponta para um objeto de outra natureza: o texto plurisemiótico. Como se trata de outro objeto, desenhado com base em outras semioses, a autora e o autor reconhecem o desafio teórico-metodológico de estudar este objeto:

Portanto, aceitar o alargamento dos limites do texto não pode ser encarado como uma concessão, mas, sim, como o compromisso de discutir seriamente os desafios que os usos impõem, mesmo que isso signifique reconhecer a falta (provisória) de aparato teórico para tratar algumas situações (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 65).

Em nosso entendimento, trata-se de uma problemática cercada pela falta de um aparato teórico para dar conta dos textos em cuja superfície entram recursos de natureza não verbal. Isso pode ser traduzido pelas palavras de Custódio Filho (2011, p. 68-69):

Frente a essa abertura ilimitada, é necessário, então, tomar decisões sobre como estabelecer os conceitos de modo que fiquem claras as possibilidades de operacionalização das investigações. Nossa posição é a de que se deve assumir toda a complexidade do objeto texto e propor análises as quais deem conta dessa multiplicidade, considerando-se que, ainda que se configurem como não verbais, as diferentes manifestações semióticas ou os diferentes processos envolvidos em situações de interação sem o verbal passam por um tratamento interpretativo quando da interação, o qual, segundo algumas vertentes, parece se assemelhar ao tratamento que é dado ao linguístico; essa seria a decisão mais coerente com o panorama atualmente delimitado nos estudos sobre o texto. Talvez não tenhamos, ainda, aparato teórico-metodológico para investigar a contento o componente sociocognitivo de tais “situações-limite”, mas a sugestão de que elas sejam passíveis de observação cientificamente orientada serve como sugestão para trabalhos futuros.

Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) sugerem que a questão poderia ser resolvida com a elaboração de um dispositivo analítico específico para o texto plurissemiótico, desenhado com base em um diálogo de campos teóricos distintos. Ela e eles apresentam uma aplicação feita por Ramos (2007) em tiras cômicas da construção de referentes. O determinante visual, categoria da Semiótica, equivaleria à categoria “objeto de discurso” usada pela LT. Nesse sentido, conforme Ramos (2007), os signos não verbais podem ser abordados pela LT com base em suas próprias categorias, ou seja, a imagem das tiras cômicas corresponde às expressões nominais como instrumento analítico. Por outro lado, outros autores, como Silva (2020), propõem aparatos de outros campos, como a GDV.

Portanto, a problemática que limita a análise de textos plurissemióticos está centrada no recurso a aparatos teórico-metodológicos que contemplem este objeto que, embora se adeque à perspectiva da LT de texto como atividade interativa, tem sua própria natureza, sobretudo devido à linguagem não verbal. Desse modo, é possível usar, com adaptações, o aparato proposto pela LT, com base no verbal, e usar outro aparato, como a GDV, desenhada com base no visual. Resta pensar sobre o alcance e os limites de cada uma destas possibilidades.

3 O NÃO VERBAL NO CAMINHO ANALÍTICO DA LT

Para a reflexão sobre as possibilidades teóricas que os estudos do texto operam em seu trabalho analítico de textos plurissemióticos, pensamos em proceder a uma metanálise de trabalhos da área. Para isso, elegemos um tema atual e bastante produtivo na LT, a referência, e buscamos trabalhos, no âmbito de nosso próprio espectro de conhecimento, que explorem este tema em textos plurissemióticos. Chegamos a uma lista de cinco trabalhos entre dissertação de mestrado, tese de doutorado e artigo de periódico (Quadro 1). De cada um destes trabalhos, extraímos a análise de um exemplar de texto (o que chamamos de microanálise).

AUTOR/ANO	TÍTULO DO TRABALHO	OBJETO MICROANÁLISE
Cavalcante e Custódio Filho (2010)	Revisitando o estatuto do texto	Panfleto
Silva (2013)	Formas e funções das introduções referenciais	Nota jornalística
Lima e Cavalcante (2015)	Revisitando os parâmetros do processo de recategorização	Meme
Silva (2020)	A construção verbo-imagética do referente em anúncios publicitários de veículos	Anúncio publicitário
Santana (2019)	O encapsulamento imagético na construção da argumentação em textos verbo-imagéticos	Cartaz de campanha socioeducativa

Quadro 1 – Trabalhos sobre Referenciação e texto plurissemiótico

Fonte: Os autores.

A análise de Cavalcante e Custódio Filho (2010) se insere em um trabalho teórico de revisão do conceito de texto, tendo em vista a inserção do elemento não verbal (notadamente o elemento de natureza visual). No contexto desta discussão, a autora e o autor empreendem a análise de um panfleto (Figura 1), considerado como um exemplar de texto multimodal.



Figura 1 – Panfleto com propaganda de serviço automotivo

Fonte: Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 66).

A análise parte da expressão “desta situação” para destacá-la como “visivelmente anafórica”, uma vez que motiva a busca de um referente para preencher a informação da pergunta “que situação é esta?” (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 66). A busca por este referente, de acordo com a análise, “leva não a uma estrutura linguística, mas à imagem de um marcador de combustível com o ponteiro no valor quase vazio” (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 66). Para ela e ele, fica evidente que a imagem remete à possibilidade de uma reconstrução linguística, de modo que a expressão verbal “esta situação” equivaleria a “ficar sem combustível no carro” (conteúdo dado pela imagem do medidor de combustível). Neste sentido, a relação referencial foi estabelecida num plano de ligação entre expressão verbal e imagem. Em resumo, a autora e o autor

ressaltam o quão produtivo é para o estudo da Referenciação a consideração das práticas multimodais. Para isso, defendem que as categorias pensadas para o estudo da Referenciação contemplam a parte visual de um texto plurissemiótico (multimodal conforme o trabalho).

Essa análise deixa clara, portanto, a proposta de se adotar uma categoria elaborada para o verbal (noção de referente) como instrumental para atender também ao não verbal. Num primeiro momento, a proposta parece coerente, mas há que se considerar um problema: a afirmação de que o referente verbal retoma anaforicamente o referente visual e não o contrário parece ser uma decisão do analista. Uma anáfora pressupõe um elemento de introdução e um elemento de retomada, e, neste caso, parece haver no texto um dado com base no qual se afirme qual elemento introduz e qual retoma. Assim, se a ideia de referente verbal e visual se aplica à análise, o movimento deste referente no texto (direção entre elemento novo e elemento retomado) é bem mais complexo, visto que, por ser multidimensional, a imagem não possui um ponto que possa ser tomado como começo.

A segunda análise faz parte da tese de Silva (2013), cujo objeto são as formas e funções das introduções referenciais. O autor discute a ampliação das possibilidades de introdução referencial: a introdução de um referente sem expressão referencial, que pode ocorrer por meio de uma integração verbo-visual; a introdução de um referente por meio de recursos pautados na intertextualidade; e a introdução pela existência de expressões referenciais que já carregam um ponto de vista do enunciador. Consideramos, aqui, as duas primeiras análises que focalizam notas jornalísticas (Figuras 2 e 3).

Silva mostra que as semioses verbal e não verbal num mesmo texto podem inaugurar um referente, e que é possível descrever a construção de sentido por meio de um amálgama entre o verbal e o não verbal.



(Nota Jornalística, Revista Época, 29 de out. de 2012, pág 37)

Figura 2 – Nota jornalística sobre Zequinha Aristides

Fonte: Silva (2013, p. 84).

Na análise da nota da Figura 2, Silva (2013) focaliza a expressão referencial verbal “Eike Batista do Forró” e a expressão referencial visual (foto), e defende que é responsabilidade do leitor a escolha da expressão referencial (verbal ou visual) que serve como introdução referencial.

O mesmo raciocínio se aplica à análise da segunda nota (Figura 3). A introdução referencial é uma opção do leitor: se o leitor reconhece, primeiramente, a expressão referencial “Ligeirinho”, o referente é introduzido aí. Caso contrário, o referente é introduzido pela imagem (foto).



(Nota jornalística, Revista Época, 08 de outubro de 2012, pág. 37)

Figura 3 – Nota jornalística sobre Ratinho

Fonte: Silva (2013, p. 85).

Convém assinalar que a análise da introdução referencial leva em conta a recepção do texto neste caso, ou seja, o fenômeno é visto sob a ótica do leitor. Esta perspectiva põe em evidência o caráter multidimensional do texto plurissemiótico e a impossibilidade de se identificar no texto uma expressão cuja função seja a introdução referencial. No entanto, levar em conta que o leitor/receptor do texto e supor possibilidades variadas de introdução referencial muda a perspectiva de olhar para o fenômeno, mas não resolve o problema da análise textual que prevê uma introdução e uma retomada. Mudar a perspectiva (trazer o leitor para atribuir o status de introdutor referencial de uma expressão) é uma tentativa de ultrapassar a limitação imposta pelo objeto (a natureza multidimensional), mas não há êxito, talvez porque a natureza do objeto não está sendo levada em conta.

O trabalho de Lima e Cavalcante (2015) discute o fenômeno da recategorização e propõe uma reflexão sobre os desdobramentos teóricos sobre este fenômeno. As autoras propõem um redimensionamento de um tipo de recategorização denominado por Custódio Filho (2011). Toda a discussão está pautada na evolução dos parâmetros que definem o fenômeno da recategorização em textos exclusivamente verbais e ganha novas particularidades com textos multimodais. Neste trabalho, olhamos para a análise de um meme (Figura 4, mais adiante).

Para as autoras, no meme, o referente “Congresso Brasileiro” é introduzido pela expressão referencial verbal “Congresso Brasileiro” e pela expressão referencial visual (foto do Congresso Nacional Brasileiro em Brasília). Este referente sofre cinco recategorizações, marcadas por expressões referencias verbais: “zoológico”, “presídio”, “circo”, “puteiro”, “vaso sanitário”. Aqui, também, a noção de expressão referencial verbal e não verbal é usada, mas também verificamos fragilidade na explicação do processo de introdução e retomada (recategorização). O raciocínio que utilizamos nas

duas metanálises anteriores também se aplica aqui. Considerando a multidimensionalidade do meme, não é possível afirmar, com base em um dado objetivo (sem uma decisão prévia do analista), qual a expressão que introduz e qual recategoriza o referente, assim como não se pode determinar a ordem do movimento introdução-recategorização. Considerando que os referentes “zoológico”, “presídio”, “circo”, “puteiro”, “vaso sanitário” estão numerados, se pode argumentar que há um indício de que “presídio” (número 2) recategoriza “zoológico” (número 1), por exemplo, mas, ainda assim, não há dado para se afirmar que “zoológico” recategoriza “congresso nacional”. Considerar isso é usar a lógica linear da linguagem verbal, que não é a lógica da imagem, também não é a lógica do verbo-imagético.



Figura 4 – Meme Parlamento brasileiro

Fonte: Lima e Cavalcante (2015, p. 311).

Segundo Cavalcante (2003, p. 106), a introdução referencial é uma expressão nominal que “institui um objeto no discurso sem que nenhum outro elemento do contexto discursivo ou da situação imediata de comunicação o tenha evocado”. Se seguirmos este traço da introdução referencial, não podemos supor duas expressões simultâneas para a introdução referencial. Novamente, notamos a tentativa sem sucesso de adaptar a ideia de “introdução”, que pressupõe linearidade, a um fenômeno não linear. Como não é possível, com base em um dado do meme (um texto multidimensional), identificar a expressão (verbal ou visual) que introduz o referente, a análise forja a ideia de “introdução por duas expressões ao mesmo tempo”, mas este traço não é previsto no aporte teórico no qual a categoria foi desenvolvida.

A recategorização é também o tema da tese de Silva (2020), da qual extraímos a análise de um anúncio (Figura 5):



Figura 5 – Anúncio publicitário Honda CIVIC

Fonte: Silva (2020, p. 82).

Nesta análise, Silva (2020) recorre a categorias da GDV para explicar a atuação do componente não verbal na construção e da recategorização do referente no anúncio. Com base nas metafunções interativa, representacional e composicional, e suas subclasses, a autora faz a descrição sintática do anúncio, e, com base nisso, defende que a imagem do carro é a expressão referencial não verbal que estabelece a introdução referencial. Quanto à metafunção interativa, por exemplo, ela constata que a imagem do veículo está em posição de oferta. “Não concorre com outros elementos “mais importantes”; ele é o alvo da divulgação, o que é reforçado pelo posicionamento em distância social, PLANO ABERTO, que mostra, revela, o participante (CIVIC Geração 10) por inteiro” (Silva, 2020, p. 83). A autora, então, estabelece o raciocínio de que, como a imagem é “alvo”, “não concorre com outros elementos”, ela atua como introdução referencial. No entanto, ela não explica de que forma se dá o vínculo entre as categorias da GDV (as metafunções) e o processo de construção de referentes. A lógica de que ser alvo, na perspectiva da metafunção interativa, pressupor introdução referencial não é teorizada e fica no campo da subjetividade do analista.

O problema teórico com a introdução referencial, que pressupõe a linearidade do texto verbal, se evidencia, mais uma vez, nesta análise. A introdução referencial pressupõe a “estreia” de um referente no texto. “Isto pode se dar pelo modo mais evidente: por meio do emprego de uma expressão referencial ainda não mencionada anteriormente” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 54). Não há dado no anúncio, a nosso ver, que permita dizer qual expressão (visual, imagem do carro, ou verbal, expressão “Civic 10”) ainda não foi mencionada. Além de evidenciar este problema teórico, a análise de Silva (2020) evidencia também a dificuldade de se encontrar uma tentativa de solução.

A própria autora assume esta dificuldade. Segundo ela, a proposição sobre introdução referencial no anúncio não é categórica, é uma impressão: “arriscamos em afirmar que, neste anúncio, há grandes possibilidades de que o referente automóvel CIVIC seja introduzido pela imagem [...]” (Silva, 2020, p. 83). Ao afirmar que “arrisca”, a autora sugere que sua constatação com a análise do anúncio, no que diz respeito à

introdução referencial e recategorização, é uma decisão dela como analista. Se é uma decisão do analista, não é possível dizer que a análise chegou a um dado sobre o funcionamento do texto.

Este problema analítico e a dificuldade de propor uma alternativa se mantêm no tratamento que a autora dá para a recategorização. Para Silva (2020), se a imagem é expressão referencial não verbal que introduz o referente, a expressão referencial verbal “Civic geração 10. Evoluir sempre.” constitui uma recategorização. No entanto, como a constatação sobre a introdução referencial passou por uma decisão da analista, o movimento introdução (expressão não verbal) – recategorização (expressão verbal) pode ser revisto. Trata-se de uma dificuldade também assumida pela autora.

Assim como o processo de categorização, o processo de recategorização pode ocorrer nas duas perspectivas: do visual para o verbal ou do verbal para o visual. Contudo, como defendemos que o texto do anúncio autoriza que a introdução do referente é imagética, assim, apostamos que a reconstrução, recategorização desse referente, pode ser verbal, pela indicação do bem anunciado: CIVIC Geração 10. Assim, parece-nos, a recategorização ocorre pela frase “Civic geração 10. Evoluir Sempre”. Nesse enunciado, encontramos a expressão do que mudou e evoluiu no Civic que todos conhecem. Todavia, não descartamos que a própria imagem do veículo também apresenta esse “novo” referente. É o Civic já evoluído. Esse ponto de vista corrobora o que defendem os autores quanto à inter-relação entre a linguagem verbal e a não verbal, por isso a dificuldade que enfrentamos quando queremos estabelecer limites e fazer escolhas (Silva, 2020, p. 84).

Por fim, chegamos à dissertação de Santana (2019), da qual extraímos a análise de um anúncio de campanha socioeducativa (Figura 6) cujo tema é o encapsulamento verbo-imagético.



Figura 6 – Cartaz de campanha socioeducativa sobre trânsito

Fonte: Santana (2019, p. 88).

A autora conduz a análise a partir da consideração dos dois modos semióticos que compõem o texto: verbal (expressões “Atendeu o celular e desligou a vida” e “Evite cenas como essa. Respeite as leis de trânsito”) e não verbal (imagem de um carro envolvido em um acidente). Para ela, o encapsulamento imagético ocorre com a sumarização da imagem pela expressão verbal “cenas como essa”, ou seja, uma expressão verbal resume uma expressão imagética. No entanto, apesar de designar o fenômeno como encapsulamento

imagético e defini-lo com base na imagem, a autora aponta também para a possibilidade de o encapsulamento também envolver a expressão verbal: “as porções verbais referidas também devam compor o cenário que está sendo resumido pela expressão encapsuladora” (Santana, 2019, p. 89). No cartaz, portanto, “cenas como essa” constitui uma expressão encapsuladora tanto da imagem do acidente como das expressões verbais “atendeu o celular” e “desligou a vida”.

O foco da análise de Santana (2019) não é o encapsulamento em si, mas sua função argumentativa. Neste sentido, não há verticalização da análise para o funcionamento do processo em si. A autora assume a perspectiva de encapsulamento proposta por Comte (2003) e Francis (2003). Segundo esta proposta, o encapsulamento exerce função retrospectiva (anafórica) e prospectiva (catafórica), ou seja, uma expressão encapsuladora tanto pode resumir uma informação precedente quanto uma informação procedente. Ao assumir esta posição neste caso em especial, a autora não se depara com o problema que se opõe nas análises anteriores sobre o ponto de partida para se atribuir o traço de introdução referencial ou recategorização, dada a natureza linear do texto verbal que subjaz a estes conceitos. Como não há uma direção única prevista no conceito de encapsulamento (para frente ou para trás), nada impede a afirmação de que “cenas como essas” encapsule informações (verbais ou não verbais) que ocupam o espaço multidimensional do texto. Este conceito forjado com base no funcionamento do texto verbal se aplica ao texto plurissemiótico.

No entanto, se consideramos um detalhe da posição teórica de Santana (2019, p. 39-40), uma questão se apresenta. A autora parece sugerir que uma expressão encapsuladora é necessariamente verbal: “a expressão encapsuladora resumir uma imagem ao invés de uma porção textual verbal”, “a expressão encapsuladora, ao mesmo tempo, recuperar uma porção verbal em integração com uma imagética”. Neste caso, há pressuposto um movimento unilateral do imagético para o verbal: apenas o verbal pode encapsular o imagético e não o contrário. Não vemos dados no texto (novamente considerando sua multidimensionalidade) com base no qual se possa confirmar este pressuposto. Assim, embora a análise do encapsulamento pareça que, a princípio, se adequa à expressão não verbal, ainda há ajustes teóricos a serem feitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, pretendemos colocar em discussão o tratamento da plurissemiotividade (ou multimodalidade) pela LT e o desafio de encontrar mecanismos que permitam operacionalizar análise de textos em cuja composição entram diferentes semioses. Esta discussão já recebeu importantes contribuições, como a de Cavalcante e Custódio Filho (2010), com uma definição de texto que abarca outras semioses, e a de Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), com uma proposta de caminho metodológico. Estas contribuições seguem a perspectiva de que os aportes teóricos e as categorias concebidos no âmbito da LT para a análise do texto verbal podem ser estendidas para o texto plurissemiótico, ou seja, um mesmo conceito pode ser forjado com base tanto no signo verbal como no signo não verbal. Por outro lado, há outras contribuições que buscam conjugar aparato alternativo ao da LT, como a GDV, desenhada para o texto não verbal. O texto plurissemiótico é, portanto, um objeto que pode ser abordado a partir desta base teórica adaptada e híbrida.

Focalizamos, de forma pontual, esta base teórica que fundamenta a análise do texto plurissemiótico considerando o alcance, o limite dos princípios e das categorias e a natureza plurissemiótica do texto. Com base em nosso próprio espectro de conhecimento, sabemos da existência de um número grande de pesquisas que exploram o tema da Referenciação (objeto concebido nos estudos da linguagem verbal) em textos plurissemióticos. Assim, tomamos alguns excertos destas pesquisas para realizar um breve exercício de metanálise e refletir sobre as decisões teóricas adotadas.

Percebemos, neste exercício de metanálise, que o mesmo campo conceitual sobre processos de referenciação, desenhado com base no funcionamento da linguagem verbal, é mantido na abordagem dos elementos imagéticos. Todavia, dada a natureza da imagem, alguns princípios são incompatíveis. O texto plurissemiótico é multidimensional, logo, não é coerente conceber, por exemplo, a noção de introdução e retomada referencial, pois não há como marcar um ponto a partir do qual o texto começa. Do ponto de vista da percepção, cada leitor(a) pode se concentrar em um ponto e tomar este ponto como o início, mas, do ponto de vista da organização e funcionamento, não é possível afirmar qual expressão referencial entra primeiro no texto. Além de evidenciar este problema teórico, nosso exercício de metanálise evidenciou também a dificuldade do(a)s pesquisadores de encontrar uma solução, embora arrisquem algumas tentativas.

Esta contatação nos conduz a pensar que este objeto (texto plurissemiótico), embora guarde traços formais e funcionais em comum com um texto exclusivamente verbal e um texto exclusivamente imagético, tem uma ordem própria de funcionamento. Para dar conta desta ordem própria do texto plurissemiótico, alguns caminhos teóricos são possíveis: a expansão teórica e conceitual dos aparatos, seja da LT, seja da GDV, ou o desenvolvimento de um aparato próprio, desenhado com base no que a plurissemiotividade tem de específico. Este segundo caminho tem como pressuposto o fato de que o texto plurissemiótico não é o resultado de uma junção de expressão verbal com expressão não verbal em que uma expressão pode completar a outra. Sendo um objeto teórico de outra natureza, os problemas relativos a esse objeto também serão outros, assim como o quadro teórico de fundamentação.

Do ponto de vista da Referenciação, por exemplo, parece indiscutível que o texto plurissemiótico, assim como o exclusivamente verbal e o exclusivamente imagético, apresenta seus processos de construção de referentes, mas não nos mesmos termos formais e funcionais. Neste caso, a noção teórica de Referenciação deve passar por um processo de reconceitualização para dar conta destes processos.

Com esta reflexão, queremos não só retomar o desafio aberto por outro(a)s pesquisadores(as), mas ampliá-lo em outros termos e, sobretudo, fomentar os estudos do texto seja em novas ampliações, seja na busca de soluções.

REFERÊNCIAS

- BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à linguística*. Domínios e fronteiras. Vol. 1. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 296 p.
- BENTES, A. C.; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). *Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068>. Acesso em: 10 out. 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Piauí, v.12, n. 2, p. 56-71, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26452/1/2010_art_mmcavalcante.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014. 176 p.
- CONTE, M. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referência*. Clássicos da Linguística. São Paulo: Contexto, 2003. 249 p.
- CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência*, 2011. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- FRANCIS, G. *Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais*. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referência*. Clássicos da Linguística. São Paulo: Contexto, 2003. 249 p.
- KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 190 p.
- LIMA, S. M. C. de.; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/357d083dd43195695b2541a9bde1b43d.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.
- SANTANA, V. M. A. *O encapsulamento imagético na construção da argumentação em textos verbo-imagéticos*. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2019.
- SILVA, F. O. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 126 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- SILVA, L. H. *A construção verbo-imagética dos referentes em anúncios publicitários de veículos*. 2020. 139 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- RAMOS, P. E. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 421 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.